

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 02. "SE NA IGREJA HOUVESSE DE SE EMPREENDER SÓ COISAS FÁCEIS, O QUE SERIA DA IGREJA?", Ao Sr. Dupont

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 02. "SE NA IGREJA HOUVESSE DE SE EMPREENDER SÓ COISAS FÁCEIS, O QUE SERIA DA IGREJA?", Ao Sr. Dupont. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/58>

This III is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

2. “SE NA IGREJA HOUVESSE  
DE SE EMPREENDER SÓ COISAS FÁCEIS,  
O QUE SERIA DA IGREJA?”

*Ao Sr. Dupont*

*Esta carta foi escrita de Roma a 17 de Agosto de 1840. É a primeira carta, de uma longa série, de Libermann a Eugénio Dupont<sup>137</sup>, clérigo tonsurado, no seminário de Issy, provável candidato à “Obra dos Negros”.*

*Este, sob pressão do P. Pinault<sup>138</sup>, que não via claro a sua vocação, escreveu a Libermann para lhe pedir conselho. Decepcionado devido às dificuldades encontradas no seminário, não seria melhor ir para os eudistas, em Rennes? Transcrevemos a carta por inteiro<sup>139</sup> pois ela permite, uma vez mais, apreciar as qualidades de diretor espiritual de Libermann e informa-nos sobre a sua atitude espiritual, verdadeira estratégia mística: saber esperar o momento de Deus.*

*É um bom resumo da sua atitude durante todo este seu período em Roma. Transcrevemos esta carta na íntegra.*

A Eugénio Dupont, clérigo tonsurado.

Roma, 17 de Agosto de 1840.

Caríssimo irmão,

Que a paz e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima encham a sua alma, e sejam a força propulsora de tudo o que fizer.

Recebi a sua dupla carta ontem à tarde; chegou-me de Londres, não sei bem como. Admiro o modo de agir de Nosso Senhor em sua alma. Como faz funcionar os recursos de sua divina Providência para o vencer e submeter tanto nas coisas menos importantes como naquelas que a si lhe dizem mais! Pôs todo o empenho em me fazer chegar as suas duas cartas, e aguardava

<sup>137</sup> Cf. índice onomástico.

<sup>138</sup> Cf. índice onomástico.

<sup>139</sup> ND II, pg. 168-172.

*Antologia Espiritana*

---

ansiosamente uma resposta. Este empenho e esta ânsia não eram maus, mas o nosso admirável Mestre achou por bem pôr-lhes um travão, e só Ele quis ser a resposta a todas as suas perguntas. Tenho, pois, a certeza de que Ele terá já resolvido muitas das suas dificuldades, ao longo de todo esse tempo de espera pela palavra dum homem tão desprezível quanto eu.

Portanto, meu bem-amado irmão, dê-se ao nosso divino e adorável Senhor, para ter n'Ele a morte e a vida. Porque não é a vida ou a morte o que Ele lhe propõe, como aos antigos israelitas; mas Ele quer que escolha a vida e a morte: a vida celeste e divina que Ele possui no seio de seu Pai celestial, vida de amor, de paz, de serenidade e de repouso em Deus, vida que supõe a posse total de sua pobre alma por nosso adorável e amável Senhor Jesus. Você dá-se bem conta de que isso não se consegue dum momento para o outro; isso supõe a morte completa para todo o nosso eu e a mais perfeita submissão da natureza, com todas as suas paixões e sentimentos, ao domínio da graça. Mas não se impaciente nem se inquiete se ainda nota em si os movimentos dos sentidos, a que chamamos paixões.

Deixe atuar o nosso adorável Mestre; você não podia ter em si, logo no início, a perfeita vida interior de Nosso Senhor; Ele começou por apoderar-se dos seus sentimentos e das suas paixões. Daí resultou que todas as manifestações da graça de Nosso Senhor em si se repercutiram nos seus sentidos e na sua imaginação. Preste bem atenção, meu caro: nas circunstâncias em que os movimentos da graça o fizeram agir com tanta vivacidade, tratava-se menos duma ação dos seus sentidos e da sua imaginação que duma força e impulso que lhes eram comunicados. Esta ação da sua natureza não era dela mesma que provinha; a sua origem e fio condutor eram a graça divina. Enquanto essa ação natural tiver a animá-la essa influência da graça, enquanto for só a força da graça a fazer-se sentir nela, a ação dos sentidos será boa, excelente até. Nestas circunstâncias, ela só se tornará má se for para além do impulso da graça, se lhe misturamos algo de nosso.

Por essa ação sobre os sentidos, o nosso adorável Mestre purifica-os e desapega-os do que é terreno; pouco a pouco apodera-se deles e desce até ao fundo da nossa alma, dá-lhe tranquilidade e paz, elevando-a, assim, à verdadeira perfeição do divino amor; ou melhor torna-se nela uma fonte e um fundamento de paz e de perfeito amor. Portanto, entregue-se suavemente e em total abandono nas mãos do seu divino condutor; deixe-se levar pelas

*Congregação do Espírito Santo*

impressões mais ou menos perfeitas que ele lhe faz sentir, e tenda com toda a sua alma para essa santa paz e serenidade com todas as forças e disposições que provêm da nossa natureza e da vida de Jesus em nós. Digo-lhe isto para que não pense que todo o seu passado foi mau, e que Nosso Senhor não estava lá por onde, qualquer que fosse o motivo, andou a sua imaginação. Não acredite nisso, e bendiga o nosso divino Mestre por tantas graças que lhe dispensou sem que as tivesse merecido.

Vou agora responder à questão principal. Pelo que acabo de lhe dizer, já vê que não vou considerar todas as ideias que Nosso Senhor lhe deu como simples imaginações. Vejo nelas algo de consistente. No entanto, creio que para decidir a sua vocação é necessário esperar pelo retiro do próximo ano, onde de novo se dará ao seu adorável Mestre, e examinará o assunto com o P. Pinault, a não ser que já o tenha feito, e que ele já tenha tomado uma decisão. Mas, mesmo nesta hipótese, gostaria muito de o ver retomar o assunto durante esse retiro, para se ater ao que então for decidido. Porque, meu caro, prevejo para muitos grandes tentações do inimigo, e talvez alguns venham a sucumbir; tinha previsto estas tentações ainda antes de deixar Rennes<sup>140</sup>. Eis por que desejo que se mantenha firme e estável, e que o inimigo não possa macular a sua decisão.

As dificuldades de que me fala são grandes e, com o tempo, tornar-se-ão ainda maiores; mas até pode ser que não. Em todo o caso, não entendo como é que uma pessoa que tem um pouquinho de fé pode levantar semelhantes objeções. Se na Igreja se empreendessem apenas coisas fáceis, o que seria da Igreja? S. Pedro e S. João teriam continuado a pescar no lago de Tiberíades, e S. Paulo não teria deixado Jerusalém. Compreendo que uma pessoa presumida e fiada em suas forças possa imobilizar-se diante dum obstáculo, mas quando se conta com o nosso adorável Mestre, que dificuldade é que se pode temer? Só se pára ao chegar ao pé do muro; espera-se então com paciência e confiança que se abra uma brecha, depois segue-se em frente como se nada tivesse havido. Foi o que fizeram S. Paulo e os outros apóstolos.

Como vê, estou disposto a acolhê-lo com toda a ternura da minha alma. A minha única condição é que o assunto seja decidido com Nosso Senhor; é Ele e a sua Mãe Santíssima quem o deve acolher e não eu, que nada sou. Estou

<sup>140</sup> Trata-se de dificuldades encontradas na animação dos “grupos de piedade”, pequenos grupos de espiritualidade de que Libermann se ocupava quando ainda estava em Issy. Eles eram objeto de muitas críticas no seminário.

*Antologia Espiritana*

---

certo de que até já o acolheram com o seu santo amor e é por isso que o vejo e verei sempre como meu irmão muito querido neste santo amor.

Em relação à oração, pouco tenho a dizer-lhe; você está num estado interior ainda instável e que, necessariamente, se terá já alterado desde que me escreveu, ou seja, desde há três meses. O que será sempre bom e talvez suficiente dizer-lhe é que nesta grande ciência tenha sempre como mestre Nosso Senhor, e que seja dócil às suas orientações. Conhece o famoso dito de S. Antão: “Para rezar bem, é preciso não saber que se reza”. Enquanto reza, é preciso não fazer nenhum caso do que se passa em si; siga as orientações que Nosso Senhor lhe for dando; não há nada melhor.

Para as mortificações, deve fazer exatamente como lhe mandar o P. Pinault. Podem parecer-lhe uma coisa excelente; mas que fazer? Deus quer que proceda assim e penso que o irá fazer. Para seu consolo, dir-lhe-ei que as mortificações exteriores não fazem parte do espírito apostólico. O amor a Deus, o zelo pela salvação das almas, o amor às cruzes e às humilhações, é isto o que faz a essência do zelo e não as mortificações. Também S. Paulo, quando quer provar que é tão apóstolo como os outros, faz uma lista enorme de tudo o que sofreu por amor de nosso adorável Mestre: e tira daí uma conclusão irrefutável contra os seus adversários. Mas quando diz: *Castigo corpus meum, et in servitute redigo*<sup>141</sup>, a razão que invoca é o receio de se perder enquanto salva os outros. No entanto, dê-se por muito feliz se é da vontade de Nosso Senhor conservá-lo neste espírito de mortificação (do que duvido); porque este espírito alimentará em si o amor às cruzes e humilhações, o qual encerra em si mesmo tesouros de espírito apostólico e outras inumeráveis riquezas. No entanto, é uma excelente coisa dar-lhe Deus tais desejos de mortificações; siga-os com simplicidade, e procure praticá-las sempre que a isso se sinta inclinado.

Caríssimo irmão no amor de Jesus e de Maria, deixo-o nas mãos deste Pai e desta Mãe tão queridos.

Sou todo seu neste santo amor.

**F. Libermann, acol.**

---

<sup>141</sup> “Trato duramente o meu corpo e mantenho-o submisso” (1Cor 9, 1-27) .